



Não se nasce alfabetizadora, aprende-se a ser

Nair Cristina da Silva TUBOITI, *Universidade Católica de Brasília*

A proposta deste artigo, que se origina de uma investigação do doutorado, é analisar o sucesso profissional de professoras alfabetizadoras, em meio a uma formação que oportuniza cientificidade ao fazer docente, em meio à proposta didático-pedagógica pós-construtivista. Para isso, nos detemos em analisar os dados coletados por meio da entrevista sobre a história de vida e dos elementos que emergiram da observação participante em sala de aula e do grupo de estudos onde atuam. Uma elaboração a partir de uma abordagem interpretativa, que se inicia ao apresentar quem são, justificando a escolha por serem professoras, demarcando o encontro com o pós-construtivismo, o fazer profissional, o que as mantém trabalhando com essa proposta e outras evidências. Esse estudo permitiu observar que, mesmo sendo uma profissão marcada pelo feminino, é uma aprendizagem que se mantém pela solidez dos fundamentos da proposta e pela conquista de um lugar pautado pela cientificidade.

PALAVRAS-CHAVE: Aprendizagem. Alfabetizadora. Pós-construtivismo.

Introdução

Uma vez que somos marcados pela capacidade de aprender, o que envolve as dimensões pessoais, profissionais e relacionais que se articulam, aprendemos tudo, inclusive a sermos alfabetizadoras. Ao conhecermos o passado vinculado ao presente, tivemos elementos para realizar a investigação pretendida, pois o futuro é o presente ressignificado pelo passado. Então, tornar o tempo presente para além do cronológico, ou seja, abrir espaço e concretizar um lugar para o tempo da experiência e da oportunidade, e ser capaz de assegurar a continuidade entre presente, passado e futuro (PAIN, 2002).

Nessa lógica, esse artigo está estruturado em rede, pois há uma triangulação, como critério de credibilidade (ALVES-MAZZOTTI & GEWANDSZNAJDER, 2002) nas maneiras em que se obtiveram os dados: entrevista da história de vida, observação em sala de aula e no grupo semanal de estudo; e na apresentação e discussão dos resultados. Um caminho metodológico qualitativo que tem, na abordagem interpretativa de Geertz (1978), seu pilar, de tal maneira que, por meio de um olhar e de uma escuta sensível, ao interpretar os dados, busque significar os significados das pesquisadas.

Então, a partir das narrativas e do observado, dos aspectos do passado e presente, pessoal e profissional, vamos contextualizar e pensar sobre a gênese e a trajetória profissional de quatro alfabetizadoras. O que vai indicando que não se nasce professora, mas se aprende qualquer coisa, em qualquer tempo, com inúmeras situações que provocam essa aprendizagem (BRUNER, 1975). Um processo que ocorre ao longo da vida pessoal e ou profissional, pois cada elemento vivido, que rompe com a lógica do senso comum, oportuniza instaurar, ao aprender a ser alfabetizadora, a cientificidade necessária para o sucesso profissional.

Diante de se pensar sobre o sucesso profissional dessas quatro professoras alfabetizadoras ao apresentar suas trajetórias, com suas experiências sociais, culturais e históricas (VIGOTSKI, 2000), demarcamos o encontro com o pós-construtivismo, o fazer profissional, o que as mantém trabalhando com essa proposta, e outras evidências que surgiram. Para finalmente pensarmos a cientificidade desse fazer, em meio às filiações e rupturas que abrangem esse processo de aprendizagem que articula teoria e prática, que ao pensar na alfabetização de todos, analisa o processo de aprendizagem profissional que direciona à competência.

O que é pós-construtivismo?

A arte de ensinar decorre da compreensão de como aprender, uma vez que aprender é conceituar, o que exige considerar os aspectos da realidade, em meio às situações, operando e conceituando (VERGNAUD, 1990). À luz dessas constatações a organização não governamental (Ong) Grupo de Estudos sobre Educação Metodologia de Pesquisa e Ação (Geempa) está hoje com 48 anos de trabalho efetivo. Em sua trajetória de pesquisa e ação, alia a teoria à prática, inicialmente com foco na matemática, por seguinte, em meio ao contexto de altos índices de analfabetos se direciona para a alfabetização, com base em um aporte científico bem-fundamentado e articulado. Dessa maneira, constitui uma comunidade científica internacional, tendo em Esther Pillar Grossi a pesquisadora que conduz todo processo que concretiza a proposta didática pós-construtivista e segue em estudo permanente, pois sua característica base é a pesquisa e ação.

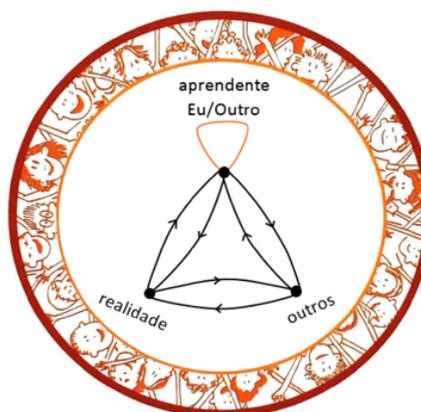
A proposta pós-construtivista instaura outra relação com o construtivismo, então, se denomina “pós” para expressar uma continuidade por outros meios. Agora com foco no saber de ensino, ao potencializar um diálogo interdisciplinar que articula conceitos para avançar. Nesse sentido, desmistifica o equívoco de centrar apenas no aluno, e se lança, a partir dos seus esquemas, com situações problemas. Segue na tríade de aprender pela mediação eficaz do professor, entre pares em seus diferentes saberes e na perspectiva do diálogo intrapessoal. O pós-construtivismo se lança, com ousadia, no contexto das discussões com ações, por uma educação de qualidade, que olhe para a potencialidade de todo sujeito que aprende. Contudo, não vem para excluir o que foi construído, não significa censurar e nem mesmo tirar o grande legado que Piaget trouxe. Propõe, sim, a continuidade, ao inaugurar um novo olhar e uma nova prática (PETERS, 2000), e se fortalecer como uma nova e decisiva etapa.

Nesse sentido, o Geempa, ao assumir o compromisso de alfabetizar as classes populares, tem a exigência de ir mais fundo e apresentar novos caminhos, ir ao encontro de pensar o como se aprende e o como se ensina, articulando conhecimento e aprendizagem. Assim ter na didática o eixo da sua ação que concretiza uma proposta didática-pedagógica pós-construtivista. O esquema abaixo busca demonstrar o conceito de aprender nessa proposta, ao evidenciar a dinamicidade entre inúmeras variáveis, como a trama de uma rede que caracteriza esse



processo. Portanto, expressa em um movimento multidirecional que o aprender acontece na ação concreta entre o sujeito, a realidade, os outros (histórico, social, cultural) e o Outro que nos habita (GROSSI, 2017).

Esquema representativo do pós-construtivismo



Fonte: Geempa, 2015, p. capa; revista com a mais recente discussão, 2017

Nesse articulado que ressignifica o que é aprender e fundamenta a ação de ensinar, a proposta tem na dimensão Didática o eixo estruturante, encaminha a concepção de como se aprende ao como se ensina, na lógica do conhecimento a ser ensinado e que se efetiva ao abordar a didática como uma provocação (VERGNAUD, 1990). Tem ainda na dimensão pedagógica, a reflexão global sobre os diferentes aspectos relacionados ao ensino-aprendizagem, um campo de conceitos para contribuir efetivamente com a qualidade, ao sincronizar a formação com a sala de aula. Assim, tal fecundidade qualifica a educação na linha do que diz Lyotard (1988, p. 36): o saber não se limita apenas ao cognitivo, antes, ele “coincide com uma ‘formação’ considerável de competências; é a forma única encarnada em um sujeito constituído pelas diversas espécies de competência que o compõem”.

É importante ressaltar a complexidade que envolve todo esse universo. Por isso, a educação carece, efetivamente, de um trabalho com foco em um campo conceitual, no conhecimento a partir de suas formas operatórias-predicativas, articulando ensino-aprendizagem, na lógica teórico-prática, conduzida pela didática (VERGNAUD, 1990). A proposta didático-pedagógica pós-construtivista vem sendo construída para ir ao encontro dos problemas da contemporaneidade. Um processo que acontece na tessitura das diferentes dimensões estudadas por Piaget, Vigotski e Wallon, vinculados à Vergnaud e Pain, entre outras áreas do conhecimento. Afinal, quem ensina e quem aprende precisa ser pensado

na sua integralidade e nessa rede complexa do pensamento humano (PETERS, 2000).

Essas ideias se entrelaçam em uma trama indissolúvel, essa ação não é uma justaposição de ideias, mas uma organização que se estrutura para legitimar um ensino que democratize as aprendizagens. O que acontece com uma proposta cuja finalidade é a de romper com a cultura de fracasso de alunos de camadas populares que sofrem na instituição. Com a convicção de que todos tem potencialidade para aprender, de que a aprendizagem é um fenômeno social, do quanto é imprescindível ter clareza do humano cognitivo, mas também cultural e subjetivo. Afinal, é importante que do ponto de vista da ética se construa um caminho que se ocupe do contexto atual em face dos desafios que dele decorrem, de tal maneira que contribua para que o ensinante e o aprendente sejam emancipados.

Nesse contexto a proposta de profissionalização à luz do pós-constructivismo se organiza em torno de um curso de cinco dias, espaço de estudo por imersão aos conceitos básicos para compreender a vinculação ensino-aprendizagem, provocando a repensar o lugar e as complexidade da profissão professor alfabetizador. Pelo caráter de formação permanente mantém o vínculo com a comunidade científica Geempa, por meio de assessorias ao longo do ano, o que oportuniza dois a três encontros no ano para repensar a aprendizagem do professor a partir da aprendizagem dos alunos. Além disso, orienta a organização de grupos semanais de estudos, para que junto aos seus pares aprofunde as análises diretamente vinculadas à sala de aula e sua dinâmica de ensino-aprendizagem, visto que ao ensinar os alunos tem-se muito a aprender. Tudo isso agregado a uma postura de estudante comprometido com as leituras bibliográficas e com o ato de escrever como reflexão da prática e em um diálogo intrapessoal para bem fundamentar sua prática e as discussões junto aos pares.

Essa proposta de formação permanente parte da premissa de que, por sermos geneticamente sociais, aprendemos com os outros e com o Outro que nos habita. Para além de ensinar, a alfabetizadora aprende com especialistas (em cursos, em assessorias e nas leituras individuais), aprende com seus pares nos cursos, nas assessorias e no grupo semanal de estudo; aprende também ao ensinar seus alunos, aprende no cotidiano da escola e ao fazer suas leituras e reflexões pessoais. Uma aprendizagem que acontece em uma conexão de estudo que permite a continuidade a regularidade e a estabilidade, necessárias a qualidade do

fazer didático e pedagógico. Um caminho de formação-em-ação, contínuo porque se mantém em movimento, e descontínuo porque, ao dialogar com diferentes esferas, se renova coerentemente na dialética da filiação e ruptura.

Como nos diz Vera Manzanares “professor é aquele que ensina a alegria de pensar” e, com o intuito de emancipar, “o bom professor é aquele que sabe provocar bem, na hora certa, de maneira adequada, e é capaz de acelerar o ritmo da aprendizagem fazendo isso” (MANZANARES, 2003, p. 149 e 157). Assim, alfabetizar é tarefa exclusiva para um profissional competente porque traz, em si, exigências peculiares, complexas e amplas, afinal, no contexto da escola pública, é preciso trazer o mundo letrado para o interior da aula. Aprender essa nova maneira de estar em sala de aula implica na formação permanente desse profissional e tem sido a grande demanda do momento, e ao mesmo tempo tem sido a marca diferencial de alfabetizadoras que se encontraram com essa proposta e ressignificaram suas práticas, pautadas na cientificidade em direção a emancipação.

Histórias que se encontram com o pósconstrutivismo

Quatro professoras com diferentes trajetórias profissionais e ou pessoais que têm, no processo de aprender a serem alfabetizadoras pós-construtivistas, um encontro que as potencializa profissionalmente, o que permitiu tornarem-se especialistas em alfabetização. Tudo isso em meio a novos pensares que incidiram sobre a tomada de consciência e instituíram uma nova maneira de estar em sala de aula, pois foram provocadas de uma maneira honesta para se apropriarem de um novo conhecimento (BRUNER, 1975). Hoje são profissionais que aprendem e ensinam em meio a grandes conflitos e enfrentamentos, por terem escolhas tão diferenciadas da grande maioria. E têm essa força por conta também de uma trajetória de rupturas e superações seja pessoais e ou profissionais.

Irina, de uma organização familiar tradicional e católica praticante, constituída de pai (funcionário público, com ensino médio), mãe (dona de casa, com ensino fundamental) e duas irmãs. Nascida no DF em 1977, cresceu em um lar de classe média baixa, teve uma infância marcada por brincar de ensinar as irmãs. Atualmente, com 41 anos, vive

com sua família, esposo e filha, em uma cidade do DF, pertencendo à classe média, se realiza na música com os trabalhos da igreja, onde também exerce papel de formação religiosa juntamente com seu companheiro. Em sua fala, destaca que “a gravidez entre 19 e 20 anos, ter encontrado um companheiro que acolheu a mim e minha filha, e ter ido para a sala de aula como alfabetizadora com a proposta pós-construtivista em 2009, mudaram minha vida para sempre” (1ª Entrevista, Irina, 28/03/2016).

Sua vida profissional tem início nessa experiência junto às irmãs, e segue com a formação escolar no magistério, avançando por meio da graduação em pedagogia, e recentemente com o mestrado histórico em educação na Universidade de Lisboa. Na qual, em uma perspectiva histórica, defende a lógica do processo na alfabetização, segundo a proposta didático-pedagógica pós-construtivista. Articulando essa formação com o fazer profissional, decisão marcada pelo magistério, são 18 anos de trabalho na educação: 5 anos em escola particular e 13 anos em escola pública, entre ensinar crianças e contribuir com a formação de professores. Mas, é sua ânsia por aprender e estudar que a direciona e a aproxima dos estudos do Geempa, o que vai conduzindo sua aprendizagem profissional.

Em 2004, teve contato com o Geempa por meio da sua irmã, começou a participar dos estudos quando o Núcleo de Estudos Geempianos do Distrito Federal (Negedf). Em 2009, inicia na alfabetização, condição para permanecer no Geempa, pois é preciso ter experiência como alfabetizadora para uma compreensão mais afinada da proposta. Nesse processo, alfabetizou 100% dos alunos em quatro turmas, 99%, 90%, 85%, 80% e 79% nas demais, sendo os menores índices referentes ao período em que mudou de escola e encontrou um cenário de muitos enfrentamentos. Esse encontro marca sua postura de uma defensora e estudiosa dos princípios da proposta, busca desenvolver o trabalho do Geempa com muita responsabilidade na alfabetização e na formação de alfabetizadores (DIÁRIO DE CAMPO, 2018).

Marta é de origem mineira, uma família tradicional, católica, com duas filhas, de classe média baixa que se estrutura no DF. Sua mãe, dona de casa, e o pai, torneiro mecânico, com apoio da esposa desenvolve negócio próprio; ela terminou o Ensino Médio no DF e ele permaneceu com o 4º ano do Ensino Fundamental. Nesse contexto, Marta e sua irmã vivem com muitas provocações para que estudem, sua mãe sempre criava situações de estudo em casa, com revistas caça-

palavras, cruzadinhas. Além disso, a postura e incentivo de algumas professoras bem envolvidas com a educação, e a tendência para o magistério pelo caráter da profissão feminina e pelo emprego quase imediato foram decisivos na sua escolha por ser professora.

Faz o magistério, ingressa na Escola Particular e em seguida na Escola Pública, faz o curso de Pedagogia, especialização na área da educação. Ao longo desse processo, sempre manteve uma postura envolvida com os estudos, e, em função da sua gana para estudar, em 2008, uma colega lhe informou sobre um grupo de estudos do Geempa. Entusiasmada por ser um grupo responsável e envolvido com a educação, buscou contatos, informações e começou a se envolver, participar. Hoje com 41 anos, uma profissional da educação há 22 anos, sendo 12 anos filiada à proposta pós-construtivista: 3 anos em coordenação pedagógica e 9 anos com alfabetização de crianças, dos quais alfabetizou 100% em cinco turmas do 1º ano, e as demais ficou entre 85% e 99%.

Com essa postura, tem militado a favor de uma educação de qualidade e afirma que “tem sido um diferencial trabalhar com essa proposta, aprendo muito, a ponto de me distanciar das concepções vigentes dentro da escola, sendo a aprendizagem de todos o diferencial que eu vejo no Geempa” e “a tomada de consciência quanto ao processo de aprendizagem do aluno contribui para atuarmos de uma forma mais científica e eficiente”. Marta, imbuída desses entre outros princípios, segue no Negedf contribuindo efetivamente com a alfabetização dos alunos, com a formação de professores e consequente divulgação da proposta (1ª ENTREVISTA, MARTA, 09/04/2016).

Helena, diferente das outras, viveu a separação dos pais quando tinha três anos de idade. Desde então, viveu com sua mãe e irmã, em um lar onde a mãe, professora e guerreira, soube enfrentar muitas dificuldades econômicas. Envolveu suas filhas na educação, alfabetizando-as em casa, o que, segundo Helena, foi uma experiência bem difícil, e até de sofrimento, “para mim aprender não era prazeroso, eu não gostava de estudar, aprender estava associado a uma punição, ou um castigo, pois quando fui alfabetizada apanhava mais do que aprendia” (1ª ENTREVISTA, HELENA, 31/03/2016), foi com esse sentimento que desenvolveu sua vida estudantil.

Contudo, mesmo não tendo uma relação afetiva com a educação, teve, na influência da mãe e na época, pois a maioria das meninas saía do

Ensino Fundamental para o magistério, além disso, teria uma garantia de trabalho, fortes elementos para seguir essa profissão. Então, fez o magistério em Escola Particular, trabalhou na mesma escola, graduou-se biologia, mas decidiu-se por pedagogia e ingressou na Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal (Seedf) (1997). Nesse período profissional, o encontro com o Geempa foi em 2008, a partir das provocações de uma colega. De 26 anos na educação, 10 anos têm sido vinculados ao Necedf, lugar onde percebeu seus equívocos enquanto professora. Nesse período, alfabetizou três turmas 100%, duas com 99%, duas com 95%, uma com 90% e esteve na direção de escola em dois anos.

Do ponto de vista profissional, Helena assume: “eu não entrei para ser professora porque eu amo essa profissão, mas porque eu tinha feito o magistério, era o que todo mundo fazia, e eu teria uma garantia de um trabalho”. Hoje, com 26 anos enquanto professora de escola pública, considera esse período no Geempa como um divisor de águas na sua vida profissional e pessoal, quando começou a estudar e se profissionalizar por desejo, um período de muitas aprendizagens. O que se deu por meio de uma formação permanente de estudo, até mesmo no lugar de apoio a formação de outros profissionais, onde aprendeu a lidar com a complexidade das relações na sala de aula e com seus melindres, a ter mais coragem e ousadia até para realizar viagem de estudos (1ª E 2ª ENTREVISTAS, HELENA, 31/03/2016 e 14/02/2017).

Isabel é filha da relação entre uma goiana e um mineiro, seus pais se encontraram na igreja, namoraram e casaram no DF. Uma família de classe média baixa, depois de casado, seu pai fez faculdade de direito e advoga até hoje. Sua mãe voltou a estudar e se formou em pedagogia, Isabel sempre esteve envolvida com esse momento da mãe. Isabel nasceu em 1971, sempre estudou em escola particular vinculada a sua igreja. Por uma questão familiar, social e pelo caráter feminino, optou por fazer o magistério, na Escola Normal de Taguatinga (1986). Sua vida escolar segue, agora se graduando em Pedagogia em São Paulo (1991). Trabalha em escola particular em dois momentos, primeiro como professora, depois como coordenadora, um período de cinco anos.

Em 2001 começa trabalhar na Seedf, nessa instituição pública, vivencia uma realidade bem diferenciada, começou com Educação Infantil, seguiu com 1º ano. Como se preocupava com a dificuldade de aprendizagem, aprofundou seus estudos e foi trabalhar em uma das

Equipes de Atendimento e Apoio a Aprendizagem¹ (Eeaa) da Seedf. Um período de muito estudo e questionamentos que a direcionou a observar uma professora que tinha resultados diferenciados na escola, assim teve seu encontro com a proposta do Geempa. Em 2012, se aproximou do Negedf, percebeu a necessidade de voltar a alfabetizar, era preciso deixar a equipe e se lançar por inteiro nessa nova proposta. Nas três primeiras turmas, alfabetizou entre 80% e 95% dos alunos; persistiu e alcançou 100% de alfabetização nos três últimos anos.

Uma professora muito estudiosa e engajada no que faz, defendeu o mestrado nesse ano de 2018, sobre a história dos grupos de estudos do DF que trabalham com o pós-construtivismo, na Universidade de Lisboa. Além disso, se mantém atuante junto ao Negedf, contribuindo tanto com a parte administrativa do núcleo quanto como apoio do curso de formação. Em 24 anos na educação, 17 são na Seedf e, desses, seis anos no Geempa. À medida que foi se desenvolvendo de posturas tradicionais, com os estudos e apoio do grupo, percebeu que quanto mais aprendia, mais ensinava, afirma que: “antes era sempre um tiro no escuro, hoje as intervenções são intencionais, além de ser belíssimo acompanhar o processo de aprendizagem. (...). Nessa trajetória, eu tenho clareza de que sempre vou ter que abandonar algo para avançar” (2ª ENTREVISTA, ISABEL, 13/02/2017).

Retomando a história de vida de cada uma, observamos que em suas narrativas todas expressam a origem de classe social média baixa, com pais determinados em crescer economicamente e em investir nos estudos dos filhos. Revelam infâncias marcadas pelo estudo, independente do nível escolar dos pais. Nesses contextos, as mães são vistas como pessoas fortes e com determinação; aparecem com um papel muito próximo às filhas, no sentido de que as filhas tenham sucesso no seu processo de alfabetização e enquanto profissionais. Essa presença feminina de força motiva a capacidade de persistir, de enfrentar os obstáculos em direção à realização pessoal, fortalecendo-as mais ainda (ALMEIDA, 1998).

Todas elas demonstram orgulho de uma mãe vista como uma guerreira. O feminino é demarcado em seus processos. Marta relata “as mulheres da minha família são líderes, são fortes e não abaixam a cabeça para os homens, minha mãe trabalhou muito para ajudar na renda,

¹ Equipe é um grupo de psicólogos e pedagogos, na Seedf que auxiliem o professor junto aos alunos com dificuldades de aprendizagem.

inteligente nessa questão do dinheiro, conseguia estruturar bem a renda familiar e ainda nos ensinava” (1ª ENTREVISTA, MARTA, 09/04/2016). De outro lado, Isabel nos conta que sua mãe “começou a estudar para não ficar distante, em conhecimento, do meu pai. Como estava com os filhos pequenos voltou a estudar quando eu tinha cinco anos e eu a acompanhava nos estudos, era muito determinada” (1ª ENTREVISTA, ISABEL, 29/03/2016).

A narrativa de Helena apresenta uma mãe professora que “[...] ganhou dois prêmios de educação no DF. Com o segundo, construiu nossa casa bem bacana, ela foi nossa alfabetizadora, mesmo eu não tendo gostado e sofrido, apanhei muito para aprender ler e escrever, mesmo assim foi excelente na profissão” (1ª ENTREVISTA, HELENA, 31/03/2016). E Irina afirma que sua mãe:

[...] foi uma incentivadora do meu pai, ajudou ele a terminar o Ensino Médio e fazer concurso, e parou de trabalhar para cuidar dos filhos. De qualquer maneira, ela que tinha habilidade para falar e articular, até a vida do meu pai, ela sempre foi muito influente. Além disso, minha mãe nos levava para sair, ela que nos ensinou a gostar de atividade cultural e nesse período eu adorava brincar de ensinar minhas irmãs (1ª ENTREVISTA, IRINA, 28/03/2016).

Por intermédio das mães, essas professoras aparecem mergulhadas no universo de estudos desde a infância. Seja com a presença de uma mãe professora e premiada; ou uma mãe que começa a estudar paralelamente aos filhos para, nesse aspecto, não ficar distante do contexto familiar; ou pela vida religiosa participando de momentos de estudos na igreja e em casa; ou com uma mãe que, em casa, cria situações de estudo; ou ainda, com história de sucesso dos familiares que estudaram e estudam, escrevem livros; e até mesmo com o jogo de cena ao ensinar suas irmãs. Suas experiências reafirmam a característica feminina dessa profissão, que tem uma vinculação com a mãe, o que tem sido motivo de luta, para que se torne uma profissão direcionada para seu teor vinculado ao conhecimento (SANTANA & CRUZ, 2014).

Além dessa marca, a opção por serem professoras perpassa por uma forte relação com o conhecimento, pela preocupação com o sustento, a necessidade de ter logo um trabalho. Essa escolha profissional assume uma relação com a evidência que na Escola Normal no DF, entre as décadas de 80-90, havia a ideia de uma garantia de emprego certo. Quanto à opção por ser alfabetizadora, os estudos contínuos junto ao Geempa têm grande influência, afinal, é uma

“formação profissional com rigor e sem rigidez, que contribui para uma grande mudança na vida das crianças”, “alfabetizar é uma questão humana de valorização de todo indivíduo e inserção social” (1ª ENTREVISTA, IRINA, 28/03/2016) e (1ª ENTREVISTA, ISABEL, 29/03/2016), respectivamente.

Enquanto profissionais da educação, apresentam trajetórias diferenciadas. Em seus tempos e experiências, foram se apropriando do lugar de professora, e, em meio às marcas de um corporativismo que acolhe de forma excessiva, conseguiram se destacar pela busca em ser e fazer diferença na educação. Portanto, são quatro professoras, que ao longo do processo profissional, se questionavam quanto à qualidade do ensino-aprendizagem. Inquietas com as dificuldades dos alunos, foram em busca de outras alternativas. Desejando uma prática mais eficaz, eles saíram em busca de algo novo. Como exemplo, destacamos a fala de Isabel:

Comecei a questionar as questões da aula, da didática e como essas metodologias iriam resolver as questões das não aprendizagens das crianças, e assim, mesmo questionando muito, não conseguia caminhos [...] Na escola em que trabalhava, encontrei uma professora que trabalhava com a didática geempiana [...] Observava e via uma metodologia diferente, eu não entendia muito bem, mas seus resultados eram excelentes, ela não precisava das equipes psicopedagógicas [...] E eu fui, investigando, investigando, a ponto de perceber que precisava deixar a equipe e entrar de corpo e alma nessa nova proposta [...] Eu deixei a equipe e fui trabalhar com essa nova proposta (1ª ENTREVISTA, ISABEL, 29/03/2016).

Em seus processos as alfabetizadoras pesquisadas revelaram um encontro com o Geempa que potencializa e valida uma formação-em-ação. O que não fica isolado de um universo de conflitos e as vezes até de sofrimento, do ponto de vista pessoal e profissional, pois ao mexer com suas escolhas incide no outro com o qual convive. No entanto, foi exatamente a lógica da formação que vincula o profissional a uma comunidade científica, aos pares e aos alunos e a qualidade dos afetos inerentes a essa relação que aumenta a potencia de agir (Spinoza, 2013). Com essa perspectiva podemos dizer que a qualidade de uma formação incide em mudanças profundas no âmbito da aprendizagem profissional e/ou pessoal, o que se sustenta pela cientificidade, que produz autoridade do conhecimento e potencializa o agir.

Ressaltamos, ainda, alguns relatos para caracterizar uma mudança profissional que incide no pessoal, realçada por uma fazer de estudo contínuo que articula teoria e prática, em meio à cientificidade, pois o embasamento torna a profissão direcionada para um conteúdo vinculado ao conhecimento, e portanto ressalta sua cientificidade (Santana & Cruz, 2014). Primeiramente destacamos a fala de Irina “Por um momento, eu pensei que tinha aprendido tudo, mas vejo o quanto preciso continuar esses estudos para que eu vença minhas limitações, pois minha aprendizagem é ininterrupta” (2ª ENTREVISTA, IRINA, 17/02/2017). E ainda, as falas seguintes:

Meu primeiro curso foi em Porto Alegre. Essa viagem já foi o início da mudança, sempre fui presa às pessoas, às coisas e tive de viajar sozinha, um passo muito importante [...] A gente sai da faculdade e não sabe bem como trabalhar, nesse curso tudo o que a gente via ia ao encontro da nossa prática. Eu não sabia trabalhar na sala de aula porque eu não entendia, eu não sabia como, hoje eu tenho princípios que fundamentam, norteiam a minha prática. (1ª ENTREVISTA, IRINA, 28/03/2016).

Fui fazer o curso de cinco dias na perspectiva de um curso comum, então percebi que era completamente diferente. Inicialmente respondemos uns instrumentos Sim, não, por quê? Essas questões mexeram profundamente comigo, em relação as minhas faltas, ao que tinha que aprender, isso me provocou muito [...] E a fazer e estudar a AE, vejo e fazendo, analisando e entendendo o porquê, foi e continua sendo importantíssimo para aprender a ensinar a partir do processo do aluno (1ª ENTREVISTA, ISABEL, 29/03/2016).

No universo dessas análises ressaltamos a professora Vera Manzanares. Uma profissional que com 15 anos de trabalho se conceituava como “ótima alfabetizadora (...) Era assim que eu pensava: alfabetizar é primeira série” (MANZANARES, 2001, p. 30). Mas, nessa época foi convidada a participar do 1º Encontro de Alfabetizadoras, então viu sendo confirmada sua ideia de ser uma boa professora, até porque ficou sabendo que era um encontro com vagas limitadas. Nesse estudo ela encontrou Esther Pillar Grossi, e começou a perceber uma fala sobre a alfabetização completamente distante dela, e ao longo da fala foi se questionando sobre o que realmente tinha feito. A fala dessa professora mexeu profundamente pois trouxe concretamente a ideia de que todos podem aprender.

Essa alfabetizadora foi tão provocada que devorou em leitura todo o material que havia recebido nesse encontro, e realmente se

decidiu a mudar sua prática e começou a trabalhar seguindo fielmente tudo que lia. À medida que trabalhava percebia o diferencial na aprendizagem dos alunos, e o quanto criava as condições para que rapidamente todos aprendessem de fato, se aventurando e recuperando o prazer de alfabetizar ao acrescentar “um conhecimento que levou *seu* aluno a participar do privilegiado grupo social que lê e escreve” (MANZANARES, 2001, p. 58). Com essa experiência ela constatou que realmente não sabia o que fazia com seus alunos, seu relato reafirma mais ainda esse novo lugar:

Ter-me profissionalizado e ser capaz de comentar sobre o que faço, de me questionar sobre os autores que leio, cada vez mais em uma visão crítica sobre meu trabalho, não ter medo de ousar e ter a certeza de que a teoria e a prática se complementam, é uma maneira de continuar aperfeiçoando esse trabalho. Quanto mais faço isso, mas vejo que me falta muito a aprender, e que isso é bom. Hoje, a teoria que embasa meu trabalho é o pós-construtivismo (MANZANARES, 1997, p. 93).

O contato com o Geempa indica um engajamento, visto que elas fazem isso para além da SEEDF. No campo profissional elas tem uma atuação que defende, de forma engajada científica e apaixonada, a aprendizagem de todos seus alunos. E assim se mobilizam para, mesmo no enfrentamento com seus próprios conceitos arraigados, lutarem na busca por uma compreensão e mudança de si, com foco para alfabetizar. Muitas vezes esses enfrentamentos se constituem em conflitos diante da diversidade cultural e/ou das relações institucionais que se apresenta no contexto do ensino-aprendizagem, até como um obstáculo epistemológico ao implantar o novo.

Tais posturas evidenciam, nessa opção profissional, uma luta por se tornar uma especialista da área, com a marca de uma exigência de inserção por meio da formação científica (SANTOS, 2008). Lugar centrado, por muito tempo, em um único sujeito intelectual, o homem; o que, na atualidade, se reverte com um índice crescente do feminino, tendo na escola o lugar de inserção e construção identitária profissional. Portanto, é com o protagonismo da mulher intelectual que as percepções do senso comum serão desconstruídas e o debate intelectual enriquecido (MOTTA, 2016). Nesse processo de luta pela igualdade de direitos, tem-se a independência social e econômica, a resignificação dos papéis no contexto familiar na perspectiva de que todos são corresponsáveis na construção e constituição desse ambiente, e a consequente emancipação

feminina, o que significa sair de um lugar de heteronomia (NUMA-BOCAGE, 2009).

Sabendo que essa conquista exige muito pensamento, exige busca para sermos especialistas, ou seja, termos no conhecimento científico para fundamentarmos nossa prática e ou discurso, a autoridade com autoria. Dessa maneira, construímos nossa singularidade profissional, de maneira apaixonada pelo conhecimento, impulsionadas pelo desejo e convicção de ensinar a todos, com abertura para o espaço psíquico dos envolvidos nesse processo, instaurando novos hábitos culturais, emancipando. Sabendo ainda, que aprender envolve relacionar-se, e nesse processo “se não aceitarmos nossos equívocos, não aprendemos e continuamos repetindo-os. Todo mundo pode aprender, mas não é fácil” (GROSSI, 2018).

O encontro com o pós-constructivismo instaura um lugar de aprendizagem profissional para essas alfabetizadoras, ressignifica o valor dessa profissão que tem sido deixada de lado em sua essencialidade. Pelo desejo de significar a profissão pela cientificidade, se sentir inserida e pertencente, as alfabetizadoras pesquisadas investem pessoalmente nesse processo de profissionalização com o cunho da intelectualidade articulada com os elementos socioculturais e subjetivos. O lugar de cientificidade da alfabetizadora demanda uma ação pessoal sim, mas deve estar presente no pensamento e ação do setor público, para então tornar viável políticas públicas para além do pedagógico.

Ensinar e aprender: romper para fecundar

Ensinar e aprender são dois verbos que para serem realmente efetivos precisam um do outro, ou seja, “só ensina quem aprende, só aprende quem ensina”, e tem sido nesse articulado que observamos na prática profissional das pesquisadas um novo momento profissional marcado pelo encontro com o pós-constructivismo. Um encontro que lhes permitiu ser profissional com cientificidade, munindo-as para romper com o tradicional ensino que vigora em meio a inúmeras fachadas, ao investir continuamente no seu processo de aprendizagem em busca de um saber de ensino, que declara concretamente a cultura do sucesso escolar a todos os alunos. Assim, ao aprender e ensinar, todos se revigoram de um sucesso profissional que permite encarar as complexidades desse contexto educativo.

Nesse processo de romper para fecundar o novo, um elemento comum nas trajetórias das quatro professoras refere-se ao engajamento profissional. Observamos uma postura, seja ao nível político, religioso ou pedagógico, de mobilização para garantir os direitos de todos. No campo profissional, elas têm uma atuação que defende, de forma engajada, científica e apaixonada, a aprendizagem de todos seus alunos. E assim se mobilizam para, mesmo no enfrentamento com seus próprios conceitos arraigados, lutarem na busca por uma compreensão e mudança de si, com foco para alfabetizar. Muitas vezes esses enfrentamentos se constituem em conflitos diante da diversidade cultural, do ser mulher, e se apresentam na relação de ensino-aprendizagem, até como um obstáculo epistemológico ao implantar o novo.

Esse lugar, de mulher profissional, ainda traz muitas exigências, mesmo com grandes avanços que foram conquistados ao longo da história feminina. Ainda há grupos que pensam o quanto “é mais confortável suportar uma escravidão cega que trabalhar para se libertar”, contudo “Como quer que seja, uma volta ao passado não é mais possível nem desejável”, e então continuamos a luta para sermos “plenamente um ser humano” (BEAUVOIR, 1990, p. 321). Vivemos, mesmo impregnadas por uma cultura dominada pelo homem e diante de algumas mulheres que não querem ter esse esforço, na constante busca por inventar e conquistar um lugar, ter um projeto de vida, se permitindo alcançar a liberdade, sentir as dores desse contexto, sem permitir que se transforme em sofrimento. Nesse processo, precisamos nutrir a cumplicidade, a empatia e a reciprocidade, tais atitudes direcionam para que as mulheres sejam reconhecidas por si e pelos outros. Sendo assim, se estabelecer é uma questão ética e emancipar é confrontar o universo masculino (BEAUVOIR, 1990).

Ciente de que o desejo por ser professora para a mulher pobre tinha a possibilidade de ascensão, na atualidade, tem-se essa marca agregada à possibilidade de segurança e autonomia. Os discursos das alfabetizadoras pesquisadas tem esse sentido “a profissão no momento para a mulher era o magistério, e era o emprego rápido e com bons salários”. No entanto, muitas não se dão conta de que o espaço da sala de aula pode se constituir como o lugar de resistência da mulher, então, nutrir o discurso de que se está sendo subjugada nesse lugar é empobrecer sua história, pois a presença da mulher em cursos de magistério e atuando como tal provem de uma construção histórica, social, econômica e cultural, as mulheres

Foram capazes de engendrar discursos discordantes, construir resistências, subverter comportamentos [...] muito possivelmente, foi por meio e em meio a diferentes discursos e práticas que elas acabaram por se produzir como professoras ideais, e também como professoras desviantes, como mulheres ajustadas e também como mulheres inadaptadas (LOURO, 2008, p. 479).

Essa postura de resistência das mulheres “que pense, que sonhe, que deseje, que respire sem palavra de ordem, está traindo o ideal masculino” (BEAUVOIR, 1980, p. 235), e, por isso, carregado de exigências, e de grande força que levou ao movimento feminista, que transita pelas lutas libertárias dos anos 60 aos estudos de gênero dos anos 90 e que, na atualidade, segue na busca por legitimação, que, no contexto educativo, busca romper com a representação da professora vinculada à mãe em direção à professora profissional que marca o ser, o pensar e o agir feminino. Logo, para se legitimar uma estrutura é preciso primeiro haver “conhecimento” dos papéis que definem tanto as ações “certas” quanto as “erradas”, no interior da estrutura, sabendo que este processo de legitimação é constituído por alguns níveis pré-teórico, proposições teóricas em forma rudimentar, teorias explicativas e os universos simbólicos (BERGER & LUCKMAN, 1985, p. 128).

O trabalho com o pós-construtivismo significa uma ruptura com a atual e tradicional estrutura escolar, provoca inúmeros conflitos e demanda das alfabetizadoras a capacidade de rebelar, inverter a lógica e seguir na contramão desse contexto, para, então, legitimar-se nesse lugar a partir da competência profissional. O que exige reintegrar-se por outra via, por meio de estratégias que, a partir da autoridade do conhecimento, envolve permanente negociação. Para isso, como o ator social não se concebe sem estratégias e escolhe-as a partir do que observa e se antecipa ao “adversário”, tem-se a necessidade da habilidade de calcular racionalmente. A capacidade de antecipação é um elemento que conduz em direção ao futuro, em direção ao distante, em direção à possibilidade (PIAGET, 1992).

O processo de ensino-aprendizagem elaborado pelo pós-construtivismo demanda estratégias, ou seja, movimenta a atividade intelectual necessária na construção do conhecimento, de outro modo, trabalha objetivamente o aprender a ganhar e perder em meio a situações de jogos, associando o prazer ao aprender (Wallon, 1995). Nas diferentes situações de relações e de lógica, oferecem-se as condições para o enriquecimento intelectual, sendo base para a capacidade de

pensar (GROSSI, 2006), nesse processo, aprender vincula-se ao lugar de ensinar, que é reconhecido pelo outro (PAÍN, 2017).

Há inúmeras vantagens em uma postura estratégica, pois credita às pessoas lógica na ação, por isso, precisamos, enquanto profissionais, aprendermos os princípios da lógica das relações, pois oferecem as condições para a elaboração de estratégias ante o jogo da vida, das instituições, da sociedade. Além disso, há na didática profissional o caminho da análise das práticas, o que pode contribuir para a construção de novos conhecimentos e incidam na construção de elementos estruturantes para a formação necessária ao exercício pleno da profissão. Dessa maneira, as alfabetizadoras têm as condições para incorporarem um conjunto de esquemas de ação, sob forma de repertório, para disponibilizar diante das situações que possam viver. Caso contrário, as ações têm a tendência de serem limitadas, com grande possibilidade de serem igualmente rígidas (PASTRÉ, 2014), dificultando o enfrentamento dos conflitos, das dificuldades de aprendizagem.

Cabe pensar como trabalhar as relações para bem ensinar a todos, incluindo que a qualidade da relação com o aprendente acontece na proporção da relação que o professor tem com o ensinar. O que pode ser aprendido em meio a formação pois implicar relacionar-se com os diferentes saberes. Acrescentamos a imprescindível relação entre desejo e conhecimento, pois uma vez que todo desejo é desejo do outro e todo conhecimento é conhecimento do outro (PAÍN, 1999). Aprender acontece no articulado entre a estrutura subjetiva e objetiva, tendo no outro esse provocador, o que se representa na tríade elaborada pela autora “professor-aluno-conhecimento”, na qual o desejo é indispensável.

Compete pensar também em seu aspecto interativo e não passivo, na socialização como assimilação, como construção identitária que envolve as trajetórias pessoais e profissionais. Tendo ainda que pensar no âmbito subjetivo, o que envolve dois aspectos dessas relações: reciprocidade e legitimação; enquanto no objetivo temos o status e os papéis. Pensar esses papéis relaciona-se com a postura, a ação que envolve o fazer, apresenta aspectos cognitivo e afetivo do corpo de conhecimento favorável à realização da tarefa para ocupar esse lugar social dentro de uma ordem institucional.

Relacionar-se em meio aos conflitos, que as alfabetizadoras experienciam no cotidiano de sua vida pessoal e ou profissional, exige

acionar eskemas que são relevantes nas interações sociais, o que se desenvolve “por uma classe de situações” que precisam ser repetidas, e pertencer a nova organização da atividade (VERGNAUD, RÉCOPÉ, 2000 apud PASTRÉ 2014, p. 165). Então, é de grande importância a apropriação dos conceitos científicos, dos conceitos direcionados para o saber ensinar, que incidirão no processo de emancipação profissional e garantem a continuidade necessária nesse exercício que transita pelo desejo de ser e fazer diferença.

Ao romper com o lugar instituído para a mulher que a distancia da cientificidade, para fecundar a democratização das aprendizagens, afinal todos podem aprender, muitos e complexos são os elementos que envolvem essa passagem. Sabemos o quanto a mulher enquanto profissional tem avançado pela sua garra e determinação, no entanto ainda há muito por fazer, a começar por um nível pessoal de desconstrução do sentimento de inferioridade na relação profissional com o ser alfabetizadora. Junto ao pós-construtivismo essas alfabetizadoras encontraram um caminho, difícil, mas que lhe permitiram o ensinar a todos os alunos se perceberem tendo sucesso profissional, o que tem reverberado na construção identitária e no sentimento de pertença.

Considerações finais

Observamos, por meio dessas quatro professoras alfabetizadoras, a influência para se tornarem professoras parte das provocações originárias na relação familiar, seguidas por uma realidade econômica e sociocultural, fortalecidas no contexto de formação secundária e acadêmica, considerando, na prática, o confronto entre o estudado e a realidade profissional. No entanto, o que faz a diferença profunda nesse processo é o encontro com o pós-construtivismo, atuante nesse aprender por meio de filiações e rupturas, ao confrontar continuamente o conhecimento operatório e predicativo que direcionaram para se perceberem profissionais competentes enquanto alfabetizadoras. Essa mudança tem sido uma ameaça a lugares confortáveis, que muitas profissionais ocupam e não querem perder, tanto no contexto de trabalho e/ou familiar. Logo, diante dessas diferenças de posturas, é preciso buscar ter compreensão, força e estratégias que conspiram a favor dos alunos e da competência profissional, essa postura tem sido um diferencial para continuarem seguindo.

O trabalho com o pós-construtivismo significa uma ruptura com a atual e tradicional estrutura escolar, provoca inúmeros conflitos e demanda das alfabetizadoras a capacidade de rebelar, inverter a lógica e seguir na contramão desse contexto. O que exige reintegrar-se por outra via, por meio de estratégias que envolve permanente negociação. Como o ator social não se concebe sem estratégias e escolhe-as a partir do que observa e se antecipa ao “adversário”, tem-se a necessidade da habilidade de calcular racionalmente. Antecipar, implica conduzir em direção futuro, em direção a possibilidade do ser e fazer diferença. Além disso, diante dos encontros que despotencializam, há necessidade de se rodear de bons encontros, da legitimação do seu trabalho, para produzir novos significados no ser e atuar.

Esse processo implica igualmente em conseguir sair da fase de heteronomia para a fase de autonomia (NUMA-BOCAGE, 2009), o que denota um nível de cientificidade da sua prática que direciona para a autonomia que emancipa. O que é sedimentado ao se ter elementos para ser capaz de caminhar na contramão de um sistema, em situação de vulnerabilidade, que não democratiza as aprendizagens. Um caminhar que se mantém por meio de aulas que são vivas porque ensinam, e ensinam porque físgaram o olhar de quem aprende, e direcionam para o conhecimento em meio a uma relação apaixonada pelo conhecimento. Dessa maneira, ser reconhecida no lugar de quem ensina é importante no processo de aprender a ser professora, afinal aprendemos daquele a quem autorizamos ensinar (PAIN, 2017).

Quando o saber de ensino direciona a prática das alfabetizadoras pesquisadas, elas consideram a importância de “emancipar intelectualmente para ensinar” e ter “consciência profissional” (2ª ENTREVISTA, IRINA, 17/02/2017); “transformar a aula, a partir de planejamentos com foco na diversidade, havendo momentos em que os alunos dialoguem entre si e aprendam, e, assim, inclua a todos” (2ª ENTREVISTA, ISABEL, 13/02/2017); “deixar algumas crenças, pensar de forma mais ampla, focar o saber como se ensina” (2ª ENTREVISTA, HELENA, 14/02/2017). Logo, “o professor é o que sabe, mas é o que sabe ensinar” (PAÍN, 2017). Esse é um processo de legitimação implica “conhecimento”, o que nos remete a relação necessária que a professora alfabetizadora deve ter com o saber, construindo a dimensão científica do seu fazer, o que pressupõe o estudo teórico articulado com a prática, por meio da formação continuada como sustentação para competência (Santos, 2008).

Suas trajetórias revelam permanência, compromisso com a proposta, tanto na alfabetização de crianças quanto na formação de outros alfabetizadores. Um fator relevante para a permanência é perceptível na consistência do grupo, pois mantém o vínculo de estudo permanente estabelecido entre elas, com o núcleo e com o Geempa, direcionado para a sala de aula. Contudo, ainda há instabilidade nos resultados, mesmo sendo considerados de excelência nas escolas em que trabalham e diante do quadro da alfabetização. Tudo isso nos mantém alertas para continuarmos a pensar em busca do que e como investir para melhor qualificar na perspectiva de continuidade e estabilidade profissional. O que se abre por meio da didática profissional que tem na análise da atividade um caminho para se pensar e reverter na formação.

Aprender a ser alfabetizadora é condição de luta para transformar um lugar de submissão em um lugar de emancipação, em meio à construção identitária e de pertencimento. Esse movimento é pautado pelo saber e pelo prazer de ser e fazer, fortalecendo-a para romper em direção ao empoderamento intelectual. Todo esse processo de estudo junto ao Geempa tem sido um espaço de estranhamento necessário para desconstruir a norma social imposta e que aprisiona a mulher. Essa busca pelo conhecimento que possibilita condições para prática profissional com a devida competência é ilustrada na produção acadêmica em relação a necessidade de se “ter uma formação contínua (estudo e profissionalismo), que irá dar toda a base para o exercício da docência” (SANTOS, 2008, p. 5).

A partir do pensamento de Simone de Beauvoir, me autorizo a dizer, não nascemos mulher, não nascemos professora alfabetizadora, aprendemos a sê-lo. Para isso é necessário um exercício constante que envolva muita “pensamentação” em direção a apropriação desse lugar com a devida competência. Demanda acima de tudo aprender a ser livre, o que é muito difícil (BEAUVOIR, 1980). Para nos apropriarmos da liberdade necessária para vivermos felizes é preciso que a força estranha que em nós habita seja mobilizada, para lutarmos pelo exercício da nossa potência intelectual. Assim como Cheherazade, que com sua narrativa conseguiu envolver o Sultão e interromper o ciclo de mortes das mulheres que com ele casava, nós possamos, inteligentemente, conquistar o lugar que desejamos alcançar.

Referências Bibliográficas

ALVES-MAZZOTTI, Alda Judith; GEWANDSZNAJDER, Fernando. *O método nas ciências naturais e sociais: pesquisa quantitativa e qualitativa*. (2ª ed.). São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2002.

BEAUVOIR, Simone de. *O segundo sexo: fatos e mitos*. (S. Milliet, trad.). São Paulo: Circulo do Livro, 1990.

_____. *O segundo sexo: 2. A experiência vivida*. (S. Milliet, trad.). Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

BERGER, Peter L.; LUCKMANN, Thomas. *A construção social da realidade: tratado de sociologia do conhecimento*. FERNANDES, Floriano de Souza (trad.) Petrópolis, RJ: Vozes, 1985. 247 p.

BRUNER, J. S. *A cultura da educação*. Porto Alegre: Artmed, 2001.

GEERTZ, C. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 1978.

GROSSI, Esther P. *Democracia e educação em tempos de caos*. Coleção Campos Conceituais, 3. Porto Alegre: Geempa, 2017.

_____. *A matemática pela divisão*. In *Por onde começar o ensino da matemática?* p. 55-58. Porto Alegre: Geempa, 2006.

GRUPO DE ESTUDOS SOBRE EDUCAÇÃO, METODOLOGIA DE PESQUISA E AÇÃO (GEEMPA). *Revista do GEEMPA*, 45 anos Pesquisa, formação e ação. 11. Porto Alegre: Geempa, 2015.

LOURO, Guacira Lopes. *Mulheres na sala de aula*. In: PRIORE, Mary del (Org.). *História das mulheres no Brasil*. 10. ed. São Paulo: Contexto, 2008, p. 443-481.

LYOTARD, J. F. *O pós-moderno*. 3ª Ed. Rio de Janeiro: José Olympo Editora, 1988.

MANZANARES, Vera. *Um prêmio nacional de alfabetização*. In: GROSSI, Esther Pillar (Org.). *Revista do Geempa: Ensinar é uma provocação*. N°8. Petrópolis: Editora Vozes, 2001, p. 29-58.

_____. A beleza da construção do processo de aprender dos alunos. In: KEIL, Ivete Manetzeder (Coord.). *Revista do Geempa: A ruptura com o construtivismo piagetiano*. N° 5. Porto Alegre: Grafica e Editora Pallotti, 1997. p. 91-96.

MOTTA, Diomar das Graças. Intelectuais e construção histórica do debate educacional: a perspectiva do sujeito mulher professora. In: *Cadernos de Pesquisa*, São Luís, v. 23, n. Especial, set/dez. 2016. Disponível em <http://dx.doi.org/10.18764/2178-2229.v.23n.especial/p192-198> Resgatado em 18 março de 2018.

NUMA-BOCAGE, Line. Le débat, outil didactique pour le développement du jugement moral et la didactique professionnelle. *Carrefours de l'éducation* 2009/2 (n° 28), p. 37-52, 2009. Recuperado em 30 de setembro, 2015, de <http://www.cairn.info/revue-carrefours-de-l-education-2009-2-page-37.htm>

PAÍN, Sara. Conversa com Dra. Sara Pain sobre “Conhecimento, arte, história e política”. In *ANAIS do II Colóquio sobre a Teoria dos Campos Conceituais*. Porto Alegre: Geempa, 2017. Recuperado em 18 março, 2018, de <https://geempa.com.br/anais-do-coloquio-internacional-sobre-a-teoria-dos-campos-conceituais/>

_____. Aspectos filosóficos e sócio-antropológicos do construtivismo pós-piagetiano – III. In Esther Grossi e Jussara Bordin (orgs). *Construtivismo Pós-piagetiano*. 11° Ed. p. 43-53. Porto Alegre: Editora Vozes, 2002.

_____. (1999). *A função da ignorância*. (M. E. V. Flores, Trad.). Porto Alegre: Artmed.

PASTRE, Pierre. *La didactique professionnelle. Approche anthropologique du développement chez les adultes*. Paris : Press Universitaires de France, 2014.

PETERS, Michael. (2000). *Pós-estruturalismo e filosofia da diferença*. (T. T. da Silva, trad.). Belo Horizonte: Autêntica.

PIAGET, Jean. *Problemas de psicologia genética*. Petrópolis: Vozes, 1992.

SANTANA, Anabel M. de; CRUZ, Maria Helena S. (Novembro, 2014). Relações de gênero, trabalho e formação docente: experiências de mulheres da escola estadual professor Valnir Chagas, Aracaju/SE. In *18 Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisa sobre a Mulher e Relações de Gênero (18 REDOR)*. P. 1963-1981. Recife: UFRPE. Recuperado em 05 março 2018, no <http://www.ufpb.br/evento/lti/ocs/index.php/18redor/18redor/paper/viewFile/1125/751>

SANTOS, Elizabeth A. Profissão docente: gênero, representações sociais. In *Seminário Internacional Fazendo Gênero 8 – Corpo, violência e poder*. ST 8 – Discurso e Gênero: a figura feminina. P. 1-7. Florianópolis: UFSC, 2008. Recuperado em 05 março 2018, no http://www.fazendogenero.ufsc.br/8/sts/ST8/Elizabeth_Angela_dos_Santos_08.pdf

SPINOZA, Benedictus de. *Ética*. (T. Tadeu, trad.). Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013.

VERGNAUD, Gérard. La théorie des champs conceptuels. In : *Recherches en didactique des mathématiques*. 10, (2/3), 133-170, 1990.

VIGOTSKI, L. S. *A construção do pensamento e da linguagem*. (P. Bezerra, trad.). São Paulo: Martins Fontes, 2000.

WALLON, H. *A evolução psicológica da criança*. (C. Carvalho, trad.). Lisboa: Edições 70, 1995.

Ne pas naître enseignante, on apprend à l'être

RÉSUMÉ: Le but de cet article, qui provient d'une recherche doctorale est d'analyser le succès professionnel des enseignants d'alphabétisation, au milieu d'une formation qui donne la possibilité de faire de l'enseignement scientifique entre la proposition pédagogique et didactique post-constructiviste. Pour cela, nous nous concentrons sur l'analyse des données collectées lors de l'entretien à propos de l'histoire de la vie et des éléments qui ont émergé de l'observation des participants en classe et dans le groupe d'étude, où ils agissent. Une élaboration d'une approche interprétative qui commence en présentant ceux qui justifie le choix d'être des enseignants, marquant la rencontre avec le post-constructivisme, le faire professionnel, ce qui permet de travailler avec cette proposition, et d'autres preuves émergées. Cette étude a observé que, même si une profession marquée par des femmes, est un apprentissage qui est maintenu par les fondamentaux solides de la proposition et la conquête d'un lieu marqué par scientifique.

MOTS-CLÉS: Apprentissage. Institutrice. Post-constructivisme.

Nair Cristina da Silva TUBOITI

Doutoranda em Psicologia - Universidade Católica de Brasília - UCB (2015); Bolsita da CAPES - Programa Institucional de Bolsas Doutorado Sanduíche/PDSE - Processo nº 8881;132323/2016-01, à l'Université de Cergy-Pontoise, France - (2017/2018), sob coordenação da professora Dra. Line Numa-Bocage. Mestre em Psicologia. Atualmente é professora da Secretaria do Estado de Educação do Distrito Federal. Experiência na área de Alfabetização, Psicogênese e Didática, Processo cognitivo, Interação social na sala de aula e Formação de professoras. Atualmente com foco nos temas: formação de professoras, processo de ensino e aprendizagem. Coordenadora do Núcleo de Estudos do GEEMPA no Distrito Federal. Atua, desde 1995, junto ao Grupo de Estudos sobre Educação, Metodologia de Pesquisa e Ação (GEEMPA). Vinculada à Association pour la recherche sur le développement des compétences (ARDéCo).